

AFETIVIDADE COMO ESTRATÉGIA DE INCLUSÃO NO ENSINO DE INGLÊS COMO LÍNGUA ADICIONAL (ILA) EM ESCOLAS PÚBLICAS

José Henrique de Oliveira Amorim, Tatiana Cristina Vasconcelos

Universidade Estadual da Paraíba
amorimhenrique333@gmail.com

Resumo

O objetivo deste estudo é discutir sobre a importância da afetividade no processo de aprendizagem e Aquisição de uma Segunda Língua (ASL), bem como acerca do papel do Filtro Afetivo no aprendizado do Inglês como Língua Adicional (ILA). A pesquisa foi desenvolvida através de uma revisão de literaturas de estudiosos da área da psicologia, da linguística, e especialistas em ensino e Aquisição de Segunda Língua. Portanto, após o entendimento de como se dão os bloqueios psicológicos que dificultam a aprendizagem, foi possível propor procedimentos e estratégias pertinentes para a diminuição de problemas como falta de motivação, falta de autoconfiança e ansiedade. E por fim, concluir que o papel do professor é muito importante na missão de criar um ambiente e assumir uma postura que são favoráveis ao bom estado mental do aluno e conseqüentemente, a uma aquisição da língua adicional.

Palavras-chave: Inglês como Língua Adicional. Filtro Afetivo. Aquisição de Segunda Língua. Inclusão Social. Afetividade.

Introdução

A importância da afetividade no desenvolvimento educacional do indivíduo tornou-se uma temática bastante explorada nas últimas décadas em estudos pedagógicos. Além disso, é considerado, atualmente, um aspecto relevante na estrutura de ensino como diretriz básica de aprendizagem.

O ensino do Inglês como Língua Adicional (ILA) enfrenta um grande problema no contexto de escolas públicas no Brasil. Os alunos em tal contexto muitas vezes enfrentam uma série de problemas de aprendizagem e criam vários preconceitos a respeito do aprendizado do idioma alvo (inglês), de modo que, infelizmente criam bloqueios psicológicos e obtêm altas variáveis afetivas que os fazem desenvolver dificuldades de aprendizagem. Portanto, quando os professores entram na sala de aula, eles geralmente encontram alunos com problemas de aprendizado e desmotivados, que não querem ou gostam de ter aulas de inglês, que não querem fazer as atividades, e não importa o quanto os professores tentam inovar e ser criativos em seu ensino, a situação não parece mudar.

Alunos deste contexto são em sua maioria de classe baixa e, portanto, socialmente excluídos de várias oportunidades de conhecimento, desenvolvimento pessoal, ascensão social e de formação integral. Portanto, consideramos a aquisição do Inglês como uma Língua Adicional

uma ferramenta de inclusão. Tal idioma se tornou uma língua global, uma vez que é possível encontrar falantes da mesma em quase todo o mundo e é a língua mais falada e usada em materiais acadêmicos e científicos, se tornando assim, de grande precisão. Tendo isso em vista, entendemos que o professor pode usar a Afetividade a favor desse processo de aquisição que pode incluir os estudantes em vários âmbitos da vida social.

Com base nessas informações, foi realizada uma revisão de literatura com o objetivo de refletir sobre estratégias e procedimentos de ensino que auxiliem os professores a reduzir os bloqueios de aprendizagem causados pela desmotivação, ansiedade e baixa autoestima dos alunos para que, com isso, percam seus preconceitos, sintam-se motivados, autoconfiantes e, conseqüentemente, melhore a aprendizagem do inglês como uma língua adicional. Assim, o objetivo deste estudo é discutir sobre a importância da afetividade no processo de aprendizagem e Aquisição de uma Segunda Língua (ASL), bem como acerca do papel do Filtro Afetivo no aprendizado do Inglês como Língua Adicional (ILA).

Breves Considerações sobre a Afetividade

Para o psicólogo e filósofo Henri Wallon (2007), a formação integral do indivíduo é fundamental no processo de aquisição de conhecimento e sua inserção na sociedade que estão intrinsecamente ligadas. Segundo o Wallon (1959) a afetividade é o primeiro recurso de interação do indivíduo com o meio. Primordial na construção do conhecimento e personalidade do ser humano desde do seu nascimento até sua fase adulta. Junto a afetividade, o autor destaca a emoção apresentada pelo indivíduo. Ambos estão interligados para que haja a resposta aos estímulos induzidos por outrem. Assim, Wallon divide a afetividade em três pontos que nos ajudam a compreender como se dá este processo. Primeiramente o autor destaca o desenvolvimento motor, segundo o desenvolvimento afetivo e terceiro, o desenvolvimento cognitivo, que coexistem e atuam de forma integrada.

Wallon defende que o processo de evolução do indivíduo depende tanto do fator biológico, quanto do fator externo - ambiente. Este ambiente pode afetar o ser de forma positivo ou negativamente. Ao longo deste processo, a afetividade e a inteligência se alternam. Dentre estas alternâncias, também encontra-se alternância durante as manifestações da afetividade como: a emoção, sentimento e paixão. A emoção em específico, é tida por Wallon como a forma mais expressiva da afetividade, pois ela não é controlada pela razão.

Embora os primeiros anos de vida do indivíduo é dominada pelo meio afetivo para que possa estabelecer suas primeiras relações sociais e com o ambiente, as mudanças de fases não se dão por sucessão linear, mas sim por uma dinâmica marcada por rupturas e sobreposições. Para Wallon (1959, p. 34) “o surgimento de uma nova etapa do desenvolvimento implica na incorporação dinâmica das condições anteriores, ampliando-as e resignificando-as”. Nesse sentido, a afetividade faz parte, cada vez mais, da formação do cidadão que, ao demonstrar seus sentimentos e emoções durante o processo de ensino-aprendizagem assimila mais facilmente o conteúdo apresentado.

Aquisição de Segunda Língua e o Filtro Afetivo

Para Krashen (1982) há dois caminhos distintos no processo de apropriação de uma língua estrangeira: a aquisição e a aprendizagem. A aquisição é um processo automático que se desenvolve no nível do subconsciente, por força da necessidade de comunicação, semelhante ao processo de assimilação que ocorre com a aquisição da língua materna. Já a aprendizagem é um processo consciente que resulta do conhecimento formal “sobre” a língua. Através da aprendizagem (que depende de esforço intelectual para acontecer), o indivíduo é capaz de explicitar as regras existentes na língua. Ainda segundo Krashen (1982) há dois processos distintos no momento em que alguém se aproxima a um idioma estrangeiro: um no qual são internalizadas certas estruturas da língua sem que tenham sido estudadas formalmente, decorrente apenas da exposição do indivíduo a ela, e outro no qual há um esforço intelectual para compreender o funcionamento da nova língua. A preocupação com a correção linguística pode gerar insegurança, além de um discurso menos fluido (ou seja, a produção é constantemente monitorada).

Para o linguista, os alunos possuem um filtro afetivo baixo (e, portanto, adquirem uma segunda língua com maior facilidade e maior eficácia) quando não se preocupam com a possibilidade de insucesso na aquisição da língua e quando se consideram membros potenciais que fala a língua-alvo. Por outro lado, um aluno com filtro afetivo alto (desmotivado, com grande ansiedade e baixa autoconfiança), ainda que exposto intensamente à língua estrangeira, não atingirá um nível linguístico semelhante ao de um falante nativo. As pesquisas levantaram a hipótese de que todos os alunos, independentemente de sua primeira língua, aprenderam a gramática da segunda língua em uma ordem fixa. Em outras palavras, a ASL segue uma sequência natural de desenvolvimento. Os pesquisadores perceberam que, apesar dessa rota natural, havia uma variabilidade na forma como os alunos aprendiam, por exemplo, alguns deles aprenderam a língua-alvo mais rápido e mais fácil do que os outros, devido às diferenças individuais entre os alunos. Um dos fatores do aprendiz que podem influenciar o curso do desenvolvimento é a motivação.

Conforme relatado por Ellis (1989), a motivação dos alunos sempre teve um lugar central no SLA. Alunos motivados pelo interesse nos costumes sociais e culturais dos falantes nativos da Segunda Língua provavelmente terão sucesso. Da mesma forma, quando os alunos são motivados pela necessidade de aprender um L2 (por exemplo, para viajar ou para obter um melhor trabalho em um hotel), eles provavelmente irão prosperar. Os pesquisadores propõem que o aluno tenha um "filtro afetivo" que determine quanto dos insumos chega aos mecanismos de processamento da linguagem. Como resultado de motivações conscientes ou inconscientes e estados emocionais, o aluno é receptivo ou não receptivo ao L2.

Segundo Stephen Krashen (1982), um obstáculo que se manifesta durante a aquisição da linguagem é o filtro afetivo; isso é uma 'tela' que é influenciada por variáveis emocionais que podem impedir a aprendizagem. Este filtro hipotético não afeta diretamente a aquisição, mas impede que a entrada atinja a parte de aquisição de linguagem do cérebro. Como Krashen escreveu, o filtro afetivo pode ser solicitado por muitas variáveis diferentes, incluindo ansiedade, autoconfiança, motivação e estresse. Em outras palavras, variáveis afetivas como medo, nervosismo, tédio e resistência à mudança podem afetar a aquisição de uma segunda língua, impedindo que as informações sobre a segunda língua cheguem às áreas de linguagem da mente.

Filtro Afetivo dos estudantes de ILA de escolas públicas no Brasil

Os estudantes de escolas públicas do Brasil têm um aprendizado muito baixo de ILA. Isso ocorre devido ao bloqueio causado pelas variáveis afetivas (que compõem o Filtro Afetivo) deles. Os alunos nesse contexto são desmotivados (variável de motivação) no aprendizado de ILA porque não sentem interesse na cultura dos falantes nativos de inglês e não veem a linguagem como algo de que precisam. Em consonância com isso, há o sentimento de inferioridade que gera a falta de autoconfiança (variável de autoconfiança), baixa autoestima e resistência à mudança, tal sentimento advém das baixas condições financeiras, porque os mesmos internalizam - consciente ou inconscientemente - a ideologia que as pessoas pobres que estudam em escolas públicas são incapazes de aprender. Outro ponto é a falta de contato com o inglês, o que acarreta o pensamento de que é uma linguagem difícil e a sensação de ansiedade (variável ansiedade). Todos esses aspectos causam medo, nervosismo, tédio e resistência nos alunos nesse contexto e afetam drasticamente seu aprendizado.

Com base nos estudos de Wallon e Krashen, percebemos a importância de criar um ambiente seguro e acolhedor no qual os alunos possam aprender. Na aprendizagem de ILA isso pode ser especialmente importante, pois para assimilar e produzir a linguagem, os alunos precisam sentir que o inglês pode mudar suas vidas para melhor, que eles podem cometer erros e assumir riscos, e que têm a capacidade de aprender o que eles quiserem. Portanto, os educadores que ensinam alunos de escolas públicas do Brasil precisam proporcionar um ambiente que reduza o estresse e a ansiedade, além de aumentar a motivação e a autoestima dos alunos da língua alvo. Isso, de acordo com Krashen, oferece oportunidades para que a aquisição da linguagem ocorra com mais eficiência e rapidez entre os alunos.

O comportamento dos professores pode influenciar positiva ou negativamente o desejo do aluno de aprender e continuar aprendendo a língua. Os professores podem motivar os alunos, estimulando o interesse pelo tópico; criando relevância para a vida dos alunos; desenvolver uma expectativa de sucesso e produzir satisfação no resultado através de recompensas intrínsecas / extrínsecas. Tarefas claramente definidas, que são interessantes e suficientemente desafiadoras, também são da maior importância. Além disso, o feedback positivo e o elogio também podem ser fortalecedores para os alunos que não confiam no assunto. Dando-lhes esse feedback, os alunos de ILA podem estar motivados a fazer mais esforços, o que produzirá uma maior qualidade de trabalho, maior autoconfiança, maior aprendizado e, então, um feedback positivo ainda mais merecido em uma seção contínua.

Outro fator que causa a motivação dos alunos da EAL é o aspecto da diversão. Talvez uma das maneiras mais eficazes de reduzir o filtro afetivo seja promover a diversão. Com isso destaca-se a importância de o professor tentar fazer a aula ser divertida. Para Kristmanson (2003) é muito importante que os professores incentivem e apoiem os alunos em todos os momentos, mas especialmente quando estão com dificuldades ou falta de confiança em determinadas áreas, como falar um novo idioma. Por exemplo, demonstrar interesse e envolvimento nas crianças, conhecê-las, suas vidas, suas famílias e capitalizar os ricos conhecimentos e experiências culturais que seus alunos trazem para a sala de aula aumenta sua auto-estima e torna a aprendizagem mais significativa. Finalmente, criar uma atmosfera na qual

os alunos não tenham medo de cometer erros e sejam encorajados a correr riscos promove sua autoconfiança.

A correção de erros também deve ser construtiva e adaptada às necessidades individuais dos alunos. Exemplos de formas de corrigir os erros dos alunos de forma gentil e eficaz incluem refletir suas declarações de volta para eles, ampliar e elaborar declarações. Reconhecer as proficiências linguísticas dos alunos da EAL, diferenciar instruções, materiais e ferramentas de avaliação para atender às suas diversas necessidades certamente promove a aquisição da linguagem em um filtro e sala de aula positivos e pouco afetivos.

Considerações Finais

Em conclusão, a insistência de Krashen e Wallon na importância de fornecer aos alunos do ILA informações compreensíveis em um ambiente livre de riscos envia uma mensagem importante a todos os professores. Como educadores, podemos fazer uma diferença significativa na motivação, nos níveis de ansiedade e na autoconfiança de nossos alunos, diminuindo seu filtro afetivo. A afetividade está constantemente presente na vivência da criança, independente de sua classe social. Porém, nos dias atuais ainda encontra-se resistência na valorização da mesma em sala de aula

Consideramos, pois que de fato é nossa responsabilidade estabelecer um ambiente de sala de aula que promova a amizade, faça com que cada membro se sinta bem-vindo, desejado, validado e, o mais importante, promova suas chances de adquirir e aprender um novo idioma em um ambiente positivo e de baixo estresse. Esse tipo particular de ambiente certamente reduzirá o filtro afetivo e as barreiras psicológicas de nossos alunos, a inspirá-los a aprender o novo idioma e ter sucesso na escola.

Referências

ELLIS, R. **Entendendo Aquisição de Segunda Língua**. Oxford: Oxford University Press, 1989

KRASHEN, D. **Princípios e Práticas na Aquisição de Segunda Língua**. Oxford: Collan Pergamon Press, 1982

KRISTMANSON, M. **Platôs de liberdade: nacionalidade, cultura e segurança do Estado no Canadá, 1940-1960**. Oxford, U.K.: Oxford University Press, 2003

WALLON H. **Psicologia e Educação da Infância**. Lisboa, Estampa, 1959.

_____. **Afetividade e aprendizagem – Contribuições de Henry Wallon**. São Paulo: Edições Loyola, 2007.